

Q1  
04/11/2008

**CRÍTICA**  
marxista

# Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB

**RESENHAS**

Caio Navarro de Toledo (org.), Rio de Janeiro,  
Editora Revan, 2005. 264 p.

SÉRGIO BRAGA\*

Em seu notável ensaio sobre *Nações e Nacionalismo* (Paz e Terra, 1990), o historiador Eric Hobsbawm nos fornece interessantes indicações para uma análise marxista do fenômeno do nacionalismo em suas múltiplas formas de manifestação ao longo da história contemporânea. Afirma o historiador inglês que, embora a Nação seja basicamente uma ficção jurídico-política via de regra funcional à reprodução do Capitalismo (e não uma efetiva comunidade organizada a partir de uma identidade substantiva de cunho sociocultural, étnico ou lingüístico), tal figura ideológica pode corporificar-se de diversas maneiras em formações sociais capitalistas, articulando-se a processos de amplitude político-ideológica bastante vasta.

Assim, podemos observar diferentes modalidades de configuração concreta do fenômeno do nacionalismo ao longo do processo de desenvolvimento político capitalista, desde o primitivo “proto-nacionalismo” revolucionário de cunho popular de meados do século XIX, passando pelo nacionalismo racista e conservador de baixa classe média que inspirou os nazi-fascistas da primeira metade do século XX, até o nacionalismo progressista e antiimperialista que serviu de base para os movimentos de libertação nacional e de organização de “economias nacionais” nos países da periferia do sistema capitalista a partir da década de 1940 e no pós-segunda guerra mundial (dentro do qual poderíamos incluir o “nacional-desenvolvimentismo” elaborado pelos isebianos).

\* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná.

Todos esses fenômenos são modalidades complexas e variadas da aspiração à constituição de coletividades humanas fundadas na representação do "povo-nação", ou seja, de uma comunidade "imaginária" de indivíduos convertidos em "cidadãos" pelos efeitos produzidos pelo direito burguês moderno e por um aparato burocrático que se legitima através de seu pretensão universalismo e de sua capacidade de concretizar os "interesses nacionais" desta somatória de indivíduos simbolicamente "atomizados".

A partir destas considerações de Hobsbawm, podemos compreender melhor porque o pesquisador marxista, ao analisar o fenômeno do nacionalismo (bem como as elaborações teóricas que lhe servem de fundamento doutrinário e filosófico) é levado a trabalhar sempre, pela própria problemática que lhe serve de inspiração, num duplo registro teórico-metodológico: por um lado, é conduzido a desmistificar o conceito de Nação e as representações sociais a ele associadas como formas ideológicas cuja função é integrar os "indivíduos-cidadãos" habitantes de um dado espaço territorial num ordenamento normativo de cunho burguês. Por outro lado, é impedido a empreender uma avaliação sociológica acurada do significado latente e das repercussões políticas concretas de tal fenômeno, buscando sempre caracterizar com precisão as forças e interesses sociais subjacentes à invocação do povo-nação enquanto figura jurídico-política de *justificação* de determinado tipo de ação social.

De nossa parte, agregaríamos que, em coletividades capitalistas soberanas e integradas pela ideologia nacional, os grupos dirigentes em disputa pela hegemonia política são induzidos a engajar-se num processo de "engenharia social ideológica" (Hobsbawm, p. 113) com o fito de constituir seus interesses específicos de grupo em "interesses nacionais", de molde a legitimar a imposição normativa de sua plataforma político-programática específica (ou de seu "projeto" de desenvolvimento) ao conjunto da formação social integrada por tal ideologia, bem como a "manufaturar" uma maioria social instável que legitime e sirva como base de apoio a execução de tal plataforma.

Pesquisador inserido dentro da problemática teórica marxista, o organizador da coletânea expressa na concepção do livro, e talvez em sua própria produção intelectual sobre o ISEB, a dupla perspectiva teórico-metodológica que deve estar presente numa abordagem crítica do tema: por um lado, a preocupação em desmistificar as falsas representações que subjazem à postulação de uma "ideologia nacional" como único meio de conduzir o capitalismo brasileiro para patamares mais avançados de desenvolvimento econômico; por outro lado, a valorização do conteúdo político progressista das idéias e propostas dos defensores do modelo "nacional-desenvolvimentista", tal como ele se corporificou na trajetória e na prática intelectual dos participantes dos vários "ISEBs".

O livro é constituído por dois blocos. Numa primeira parte, constam artigos de intelectuais e personalidades que fizeram parte do ISEB nas várias etapas de seu funcionamento. Nesse sentido, os textos contidos nesse primeiro bloco podem ser tomados como uma significativa amostra da ampla frente político-ideológica e dos diferentes tipos de atores que dele participaram: intelectuais de formação filosófica eclética em busca da elaboração de uma (ilusória) fenomenologia existencial da aquisição da "consciência nacional"; nacionalistas moderados e anti-comunistas, defensores de um estado centralizado de tipo "bismarkiano" sob a hegemonia da "burguesia nacional" mas que admitiam a colaboração do capital estrangeiro em setores estratégicos da economia brasileira; jovens economistas influenciados pelo marxismo e simpáticos à experiência de capitalismo de Estado dos países do leste europeu, especialmente da antiga União Soviética; historiadores marxistas de origem militar que, por isso mesmo, foram duramente atingidos pela repressão não obstante seu senso hierárquico burocrático levá-los a atenuar a responsabilidade das forças armadas na repressão desencadeada no imediato pós-1964; jovens professores críticos participantes da última fase do ISEB e que buscaram ampliar o campo de difusão das idéias do instituto também para categorias de trabalhadores manuais anteriormente excluídas desse tipo de atividade político-cultural.

Ao consultar tais depoimentos o leitor poderá evidentemente concordar ou não com cada um destes qualificativos. Mas verificará também que cada um dos textos ilumina um aspecto específico do funcionamento do ISEB, de certa forma reproduzindo em miniatura o ambiente ideológico vigente no instituto em seus vários momentos.

A segunda parte do livro, por sua vez, é formada por textos de pesquisadores que buscaram analisar ou dialogar com a atividade intelectual empreendida pelos isebianos. Os textos são todos de grande qualidade e contemplam cada qual aspectos importantes para uma compreensão mais abrangente do ISEB.

Assim, Alzira Alves de Abreu, reproduzindo e aprofundando resultados de um lúcido e pioneiro trabalho dos inícios dos anos 70, contestará a visão de alguns dos protagonistas do ISEB (dentre os quais o próprio Jaguaribe) segundo a qual o instituto teria sido o grande inspirador das políticas de desenvolvimento implementadas durante os anos JK. Como demonstra a autora, a principal fonte do programa desenvolvimentista não-nacionalista executado durante o governo JK foram os trabalhos da Comissão Mista de Desenvolvimento Econômico (CMBEU) que funcionou no início dos anos 50 e contou com a participação de vários segmentos das elites dirigentes nacionais que preconizavam uma proposta "associada" de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, e não de intelectuais vinculados ao ISEB ou identificados com as propostas defendidas pelo instituto.

Caio Navarro de Toledo, o organizador da coletânea, procura complementar suas abordagens anteriores sobre o ISEB, talvez excessivamente críticas ao apresentá-lo como uma "fábrica de ideologias" prejudiciais à luta pela implantação de um modelo de capitalismo democrático e distributivo no Brasil. Assim, cotejando as propostas e a atividade do "último ISEB", com as propostas (vencedoras após o golpe de 1964) de outro "think thank" do campo conservador (o sistema IPES/IBAD), amplamente financiado e apoiado pelo empresariado brasileiro e por setores ligados ao imperialismo norte-americano, o autor é levado a revalorizar, sob o aspecto político-ideológico, as propostas e atividades desenvolvidas pelos participantes da última fase do instituto, no sentido da construção de um modelo de capitalismo organizado em bases nacionalistas e distributivas no país.

Uma louvável decisão do organizador do livro foi a de incluir um clássico e influente texto (hoje de difícil acesso) de Gérard Lebrun, no qual o filósofo francês empreende uma lúcida análise crítica de algumas das principais teses filosóficas contidas em obras produzidas por pensadores vinculados ao ISEB. Segue-se um intrigante texto de Bresser Pereira onde o economista e cientista social tucano, que apoiou e deu caução a vários governos neoliberais que implementaram medidas de extermínio do futuro econômico da burguesia industrial interna brasileira, paradoxalmente postula a existência de uma "burgue-

sia nacional" no Brasil atual e a possibilidade bem como a necessidade de um novo ciclo de crescimento econômico fundado nos interesses desse segmento burguês, revelando um certo desencanto com os resultados da política econômica posta em prática durante os "anos FHC". Finalizam a coletânea dois textos informativos sobre o ISEB contendo um levantamento bibliográfico das principais obras produzidas sobre e pela instituição, e outro de Alessandro Eugênio Pereira, fornecendo um panorama geral do funcionamento do órgão em suas várias fases, de certa forma complementando um outro texto anterior de sua autoria onde são examinadas as relações entre política e cultura na produção intelectual isebiana.

Em suma, pela leitura dos textos contidos na coletânea podemos observar que os acertos e os equívocos teóricos, as vitórias e as derrotas políticas, assim como os méritos e deméritos dos intelectuais que militaram no ISEB, fazem parte do patrimônio e do estoque de experiências das forças progressistas interessadas na execução de um novo modelo de desenvolvimento capitalista no Brasil, mais favorável aos interesses materiais e políticos das classes trabalhadoras, ao contrário das diversas versões do "capitalismo associado e dependente" implementadas a partir do golpe de abril de 1964. Não fosse por outros motivos, esse justificaria por si só a consulta a este importante livro sobre o inolvidável "think tank" do nacionalismo progressista brasileiro.

BRAGA, Sérgio. Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB. Resenha de: TOLEDO, Caio Navarro de (org.). Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005, 264 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.23, 2006, p.181-184.

***Palavras-chave:*** Política; Brasil; Nacionalismo.